

From the Origins: The Prehistory of the Inner Tagus Region

Edited by

P. Bueno Ramirez
E. Cerrillo Cuenca
A. Gonzalez Cordero

BAR International Series 2219
2011

Published by

Archaeopress
Publishers of British Archaeological Reports
Gordon House
276 Banbury Road
Oxford OX2 7ED
England
bar@archaeopress.com
www.archaeopress.com

BAR S2219

From the Origins: The Prehistory of the Inner Tagus Region

© Archaeopress and the individual authors 2011

ISBN 978 1 4073 0777 0

Printed in England by Blenheim Colour Ltd

All BAR titles are available from:

Hadrian Books Ltd
122 Banbury Road
Oxford
OX2 7BP
England
www.hadrianbooks.co.uk

The current BAR catalogue with details of all titles in print, prices and means of payment is available free from Hadrian Books or may be downloaded from www.archaeopress.com

GRAFISMOS RUPESTRES PRÉ-HISTÓRICOS NO BAIXO ERGES (IDANHA-A-NOVA, PORTUGAL)

Francisco HENRIQUES, João Carlos CANINAS

Arqueólogos. Da Associação de Estudos do Alto Tejo e da Plataforma de Estudos Arqueológicos do Médio Tejo

João Luis CARDOSO

Arqueólogo. Da Universidade Aberta. Da Associação de Estudos do Alto Tejo e da Plataforma de Estudos Arqueológicos do Médio Tejo

Mário CHAMBINO

Licenciado em História. Da Associação de Estudos do Alto Tejo

Abstract: *This paper presents the results of an archaeological prospection conducted by the Upper Tagus Study Association along a portion of the River Erges located between Segura and the position corresponding to the Portuguese bank at Arroyo Boqueron (Spain), some 2 km upstream from where the Erges joins the Tagus. The aim was both to continue the extensive archaeological cartography project begun in the region in 1977, and also to identify prehistoric rock carvings, following an unsuccessful incursion in the 1970s at the time when the so-called Tagus Rock Art Complex was discovered in Vila Velha de Ródão and Nisa.*

With this work along the River Erges, it was possible to identify various groups of motifs: symbolic-geometric (simple and concentric circles); anthropomorphic, some of which are anchor-shaped; possibly zoomorphic; pecking (dispersed or in patches), and filiform shapes. Although the carvings were limited in number and diversity, most of these motifs may be correlated with the schematic art of the Tagus. Indeed, the discovery provides evidence of the expansion upstream of the limit of the Holocenic rock art complex detected along the River Tagus and its tributaries during the 1970s.

Current knowledge concerning the distribution and quantities of these prehistoric rock carvings on the River Tagus suggests that the core of this symbolic complex would have been located on the banks of the great river, and that there would have been less expression, and more marginal in nature, along the tributaries. However, the discoveries made on both banks of the River Erges reinforce the hypothesis that the International Tagus contains clusters that are as expressive as those of the Portuguese Tagus. Unfortunately, though, this will only be provable with deactivation of the Cedillo dam.

The rock carvings identified on the River Erges clearly result from the dense prehistoric occupation of the International Tagus at that time, as identified in the surrounding area, both in Portugal and in Spain. This context includes various types of megalithic monuments, particularly burial sites (in some of which were also identified rock carvings in the area of Cáceres) and habitats on the detrital platforms around Rosmaninhal (Idanha-a-Nova).

The anthropomorphic representations, which are the most expressive and chronologically reliable of that group, may be slotted into the Final Neolithic-Chalcolithic (IV and III millennium BC), in accordance with the periods suggested by António Martinho Baptista (Stage II, megalithic) and Mário Varela Gomes (southern period).

Key Words: River Erges, Tagus river basin, schematic rock carvings, Neolithic, Chalcolithic

Resumo: *Apresentam-se os resultados da prospecção arqueológica efectuada pela Associação de Estudos do Alto Tejo no rio Erges, no trecho situado entre Segura e a posição correspondente à margem portuguesa da foz do Arroyo Boqueron (Espanha), cerca de 2 km a montante da foz do rio Erges no Tejo.*

Para além de se pretender dar continuidade a trabalhos de cartografia arqueológica extensiva, iniciados nesta região em 1977, houve a intenção de identificar grafismos rupestres pré-históricos, depois de uma incursão efectuada, sem sucesso, nos anos setenta, aquando da descoberta do chamado Complexo de Arte Rupestre do Tejo, em Vila Velha de Ródão e Nisa.

No decurso dos trabalhos no rio Erges, e no que concerne a novas grafismos rupestres, foi possível identificar, até ao momento, vários conjuntos de figuras geométrico-simbólicas (círculos simples e concêntricos), antropomorfos, alguns dos quais de configuração ancoriforme, possíveis zoomorfos, picotados dispersos ou em mancha e gravações incisais.

Apesar do reduzido número e da escassa diversidade de gravuras, é possível correlacionar a maioria destes motivos com a arte esquemática do Tejo. Por outro lado, esta descoberta evidencia a expansão, para montante, do limite do complexo de arte rupestre holocénica detectado no rio Tejo e afluentes, nos anos setenta do séc. XX.

Porém, e partindo do conhecimento actual sobre a distribuição e os quantitativos destas gravuras pré-históricas no rio Tejo, tem-se a convicção que a área nuclear daquele complexo simbólico estará situada nas margens do grande rio, sendo menos expressivas e até marginais as ocorrências presentes nos seus afluentes.

Por outro lado, os achados efectuados em ambas as margens do rio Erges, reforçam a hipótese do Tejo Internacional conter conjuntos tão expressivos como os do Tejo português, o que só se poderá comprovar, no futuro, com a desactivação da barragem de Cedillo.

Os grafismos rupestres identificados no rio Erges têm enquadramento na densa ocupação pré-histórica do Tejo internacional, coeva daquelas gravuras, identificada na zona envolvente, tanto em Portugal como em Espanha. Incluem-se nesse contexto diversos tipos de monumentos megalíticos, com destaque para os de cariz funerário – em alguns dos quais também foram identificados grafismos, na zona de Cáceres – e sítios de habitat, sobre as coberturas detríticas do território de Rosmaninhal (Idanha-a-Nova).

As representações antropomórficas, as mais expressivas naquele conjunto e fiáveis do ponto de vista cronológico, podem ser enquadradas no Neolítico Final-Calcolítico (IV e III milénio a. C.), de acordo com as periodizações propostas por António Martinho Baptista (fase II, megalítica) e Mário Varela Gomes (período meridional).

Palavras-chave: Rio Erges, bacia hidrográfica do Tejo, grafismos rupestres esquemáticos, Neolítico, Calcolítico

INTRODUÇÃO

Datam dos anos 70 do séc. XX os primeiros trabalhos de prospecção arqueológica no rio Erges (Serrão & Serrão s/d), orientados para a identificação de arte rupestre ao ar livre, na sequência da descoberta de um vasto complexo de gravuras pré-históricas, nas margens do rio Tejo, em Vila Velha de Ródão e Nisa.

Tal descoberta, excepcional a nível europeu, foi da responsabilidade de equipa do Grupo para o Estudo do Paleolítico Português (Silva 1996), que se encontrava em missão prospectiva nos terraços da região de Ródão, e coincidiu com a construção da barragem de Fratel, cuja albufeira iria submergir trecho do rio Tejo, com cerca de 40 km, balizado entre a foz do rio Ocreza e a do rio Sever onde tais grafismos se situavam.

Como medida de salvaguarda, pelo registo, deste importante património gráfico, foi constituída uma missão, coordenada pelo Dr. Eduardo da Cunha Serrão e financiada pela Fundação Calouste Gulbenkian, que executou, com carácter de urgência, a identificação (prospecção) e o registo (topográfico, fotográfico e em molde) dos grafismos rupestres reconhecidos no trecho fluvial que iria ficar submerso. Os resultados deste trabalho foram sendo publicados a partir de 1972 (Baptista *et al.* 1974, 1978; Baptista 1981; Serrão *et al.* 1972a, 1972b, 1973, Serrão 1974; Gomes 1980, 1987, 1989 e outros trabalhos).

Em simultâneo, a equipa de prospecção expandiu as suas incursões pelo rio Tejo, para montante e para jusante do trecho a alagar, bem como nos principais afluentes deste rio. Foi nesse âmbito que foram prospectados os rios Ocreza e Erges, o primeiro dos quais com resultados positivos, e se obtiveram informações acerca da existência de gravuras rupestres, na margem do Tejo Internacional, em Herrera de Alcântara.

Mário Varela Gomes (Gomes 1989: 51) dá-nos testemunho da rápida incursão efectuada no rio Erges: *“Pela manhã, não muito cedo, lá fomos com o hoje arqueólogo Francisco Sande Lemos e com o historiador de arte Vitor Serrão, primeiro de automóvel, depois a pé, por encostas íngremes que pareciam não ter fim, percorrer o afluente Erges, junto à fronteira com Espanha, e, à tarde, a área do Cachão do Algarve, procurando novas rochas decoradas e outras estações de arte rupestre.”*

Noutro âmbito, nos finais dos anos 70, o Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas do Rosmaninhal identificou inúmeros monumentos megalíticos (GEPa 1979) no enclave meridional do concelho de Idanha-a-Nova, correspondente à freguesia de Rosmaninhal, actividade que teve num dos signatários (M. Chambino) elemento activo. Alguns dos monumentos então identificados situavam-se em áreas sobranceiras ao Baixo Erges, contudo, a prospecção não desceu às margens daquele rio.

No início dos anos 80 a Associação de Estudos do Alto Tejo passou a integrar o território do Rosmaninhal nos seus projectos de investigação arqueológica, homologados pelo Ministério da Cultura, dedicados sobretudo ao megalitismo local, mas a prospecção do vale do Erges foi novamente adiada. Essa pesquisa deu origem à Carta Arqueológica do Tejo Internacional (Henriques, Caninas & Chambino 1993; Henriques, Caninas & Cardoso 1999), a vários relatórios, e à publicação, em congressos e revistas da especialidade, das escavações efectuadas em diversos monumentos (Cardoso, Caninas & Henriques 1997, 2000, 2003; Cardoso *et al.* 1995).

Em 2005 uma equipa luso-espanhola iniciou a prospecção arqueológica da margem esquerda do rio Erges, apenas em trecho correspondente ao término municipal de Alcântara (comarca de Alcântara), identificando as primeiras gravuras em Dezembro desse ano. Os resultados dessa pesquisa viriam a ser discutidos numa dissertação de mestrado em Arqueologia Pré-Histórica e Arte Rupestre, no Instituto Politécnico de Tomar e Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, publicada recentemente (Nobre 2008).

Neste percurso, Luis Nobre regista gravuras em seis rochas, ao ar livre, e num abrigo (abrigo Catarina). Nas seis rochas ao ar livre foram identificadas 36 figuras (17 círculos, seis semicírculos, três círculos concêntricos, um círculo compartimentado, um círculo com ponto central, uma linha e sete manchas). No abrigo foram identificadas 16 figuras distribuídas por três painéis (10 antropomorfos, dois pontos, duas linhas, uma mancha e uma figura de tipologia indeterminada). Não observou sobreposições de figuras mas assinala uma associação entre três círculos.

Em 2007 a Associação de Estudos do Alto Tejo obtém autorização oficial para prospectar a margem direita do rio Erges (Figuras 1 e 2), missão que foi coordenada por F. Henriques (Henriques, Caninas & Chambino 2008) e contou com a participação de M. Chambino, J. Caninas e V. Camisão. Estes trabalhos contaram com o apoio financeiro da Câmara Municipal de Idanha-a-Nova e da firma EMERITA Empresa Portuguesa de Arqueologia.

É díspar o estado de conhecimento acerca da presença de grafismos rupestres noutros afluentes da margem direita do rio Tejo, nomeadamente nos rios Aravil, Ponsul e Ocreza. Nas margens do rio Aravil, percorridas nos anos de 2007 e 2008 (Henriques, Caninas & Chambino 2008), não foram identificadas gravuras, embora se tenha obtido, através de diversas fontes orais, informação acerca de uma gravura, em painel vertical, na confluência do Ribeiro do Gato com o Aravil, uma *“enorme cabeça de gato que segue as pessoas com o olhar”*, que terá motivado a atribuição do nome Gato ao ribeiro. Actualmente, o percurso terminal deste rio encontra-se submerso pelas águas da albufeira da barragem de Cedillo.

O rio Ponsul foi parcialmente percorrido em 1973, entre a ponte de Malpica do Tejo (Castelo Branco) e a área de

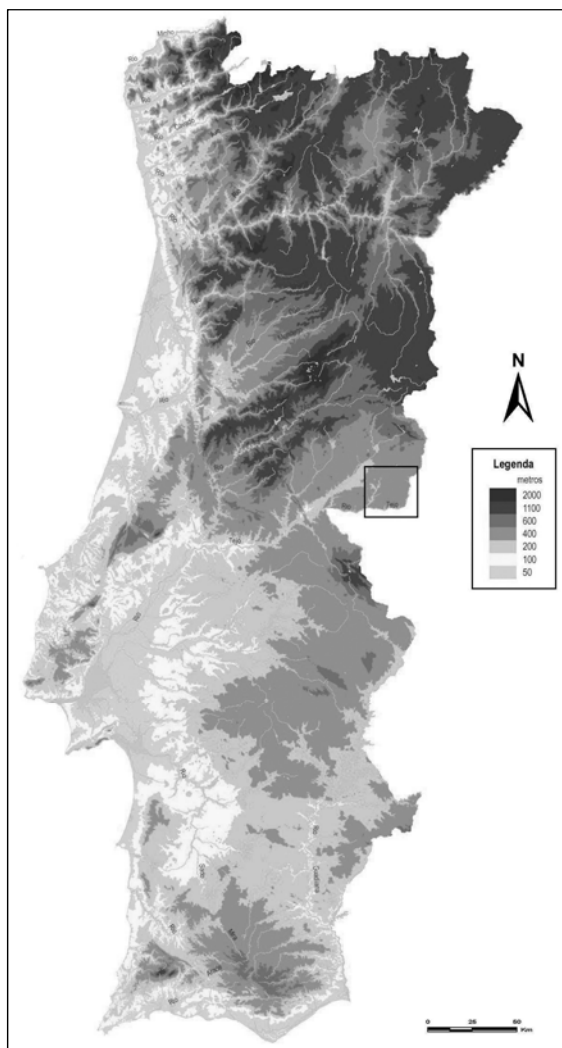


Fig. 1. Localização da área de estudo (compartimento situado entre os rios Erges, Aravil e Tejo) em carta hipsométrica de Portugal Continental

Alfrívada (Vila Velha de Ródão), com incidência especial na margem direita, por F. Henriques e João José de Oliveira Pires, do então Grupo Amador Juvenil de Arqueologia. Os resultados foram negativos e o trecho em questão encontra-se, actualmente, submerso pelas águas da albufeira de Cedillo.

A identificação de gravuras no rio Ocreza, no seu trecho terminal, situado entre Vila Velha de Ródão e Mação, teve início aquando do levantamento do complexo de arte rupestre do Tejo (Gomes 1987: 26), nos anos 70, e o seu estudo foi retomado, mais recentemente, por investigadores do Instituto Politécnico de Tomar (Oosterbeek 2003).

Finalmente, no rio Sever, um afluente da margem esquerda do Tejo que separa o Alto Alentejo (Portugal) da Província de Cáceres, obteve-se informação, não confirmada por ausência de prospecção, da existência de gravuras rupestres na margem daquele rio próximo de Montalvão.

O RIO ERGES E O SEU VALE

Localização e enquadramento natural

O vale do rio Erges fica localizado no centro-oeste da Península Ibérica e marca a fronteira entre Portugal e Espanha num percurso com mais de 50 km de comprimento. Em termos administrativos, limita a leste o distrito de Castelo Branco e os concelhos de Idanha-a-Nova e Penamacor. Em Espanha confina a comunidade da Extremadura, a província de Cáceres e os municípios de Cilleros, Zarza la Mayor, Piedras Albas e Alcántara.

O vale do rio Erges encontra-se aberto, maioritariamente, nas rochas metassedimentares que constituem Grupo das

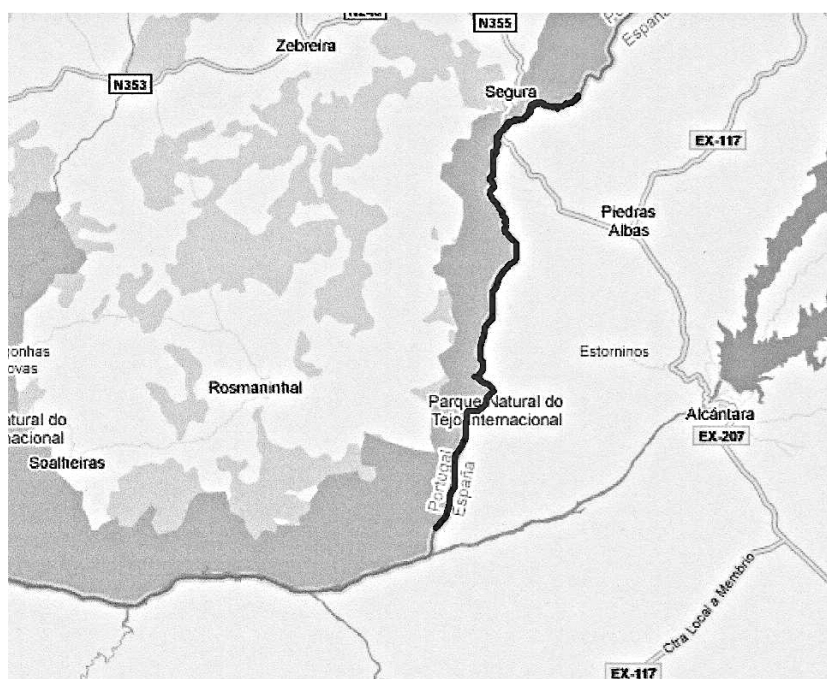


Fig. 2. Trecho do rio Erges objecto de prospecção

Beiras (anteriormente designado Complexo Xisto-grauvácico Ante-Ordovícico). Contudo, em Monfortinho, o vale atravessa formação quartzítica e nas áreas de Salvaterra do Extremo e de Segura rompeu formação granítica, de grão médio a grosseiro, formando magníficos canhões.

O território envolvente é caracterizado por vales profundamente recortados, característicos das rochas do Grupo das Beiras, e nas cotas superiores conservam-se retalhos de antigos depósitos detríticos grosseiros de idade cenozóica, formando superfícies aplanadas. As manchas de granito têm um impacto reduzido em termos morfológicos, pelo menos no território português, devido à sua menor expressão.

O rio Erges corre, aproximadamente, na direcção Norte-Sul. Drena águas da cordilheira central, a partir da Serra da Gata, em Espanha, onde tem a nascente e apresenta características torrenciais, com caudal diminuto durante o Verão e caudal elevado durante o período das chuvas. Durante o estio predominam os longos pegos e verifica-se a quase ausência de corrente. O grau de encaixe do vale aumenta, progressivamente, à medida que se aproxima da foz, sobre a margem direita do rio Tejo.

É um vale pouco humanizado (Figura 3), sem barragens, excepto na parte terminal do seu curso que está parcialmente submerso pela albufeira da barragem de Cedillo. Tem, conseqüentemente, elevado valor natural e paisagístico. Destes valores destaca-se a rica e diversificada flora (carrasco, azinheira, zambujeiro, oliveira, choupo, freixo, salgueiro, amieiro e, entre as espécies arbustivas, o rosmaninho, o tojo, a esteva, a giesta, etc.), fauna (cegonha negra, águia, grifo, melro, garça-real, cotovia, abelharuco, e entre os mamíferos, veado, corço, javali, lebre, coelho, raposa) e geodiversidade (Rodrigues, Carvalho & Geraldès 2008). Parte do seu vale integra o Parque Natural do Tejo Internacional e o GeoPark (Naturtejo) contempla três geomonumentos no rio Erges, os canhões fluviais de Monfortinho, de Salvaterra do Extremo e de Segura.



Fig. 3. Uma vista do baixo Erges na zona do Mistro

Marcas de humanização e enquadramento arqueológico

Em termos gerais, não são abundantes as marcas da presença humana ao longo do vale do rio Erges. A densidade destas marcas diminui à medida que nos afastamos dos actuais aglomerados populacionais e recuamos no tempo, sendo ainda mais raras no troço final do seu percurso.

Actualmente, o vale é utilizado como ponto de passagem (Monfortinho, Salvaterra do Extremo e Segura), como local de exploração de parcelas hortícolas de pequena expressão (Monfortinho, Salvaterra do Extremo e Segura) e como espaço de lazer (pesca, pedestrianismo).

Até meados do século passado a força motriz da água era aproveitada em vários moinhos implantados ao longo do seu curso, numa e noutra margem. Estes sistemas produtivos incluíam, além de engenho (moinho de rodízio), açude e levada, instalações para o moleiro, estas situadas a uma cota mais elevada. Estes locais correspondiam, frequentemente, a pontos de transposição de uma para a outra margem. Estes moinhos e açudes são repetidamente referidos na demarcação de fronteira efectuada em 1537 entre Portugal e Castela (Moreno 2002), sendo mencionado um dos proprietários, Gyll Martinz, que poderá corresponder ao moinho assinalado na Carta Militar de Portugal, com o nome Moinho do Martins, na margem portuguesa, logo a montante do Mistro.

Em alguns pontos do vale, sobretudo no lado português, existem parcelas que foram agricultadas até há cerca de 50 anos. Nesses locais observam-se muros de suporte de olival e algumas oliveiras resistem no meio de densa cobertura arbustiva.

Para enquadramento arqueológico considerou-se o território balizado pelo rio Tejo, a Sul e a Este, pelo rio Aravil, a Oeste, e pela estrada que liga Ladoeiro (Portugal) a Alcántara (Espanha) a Norte. O rio Erges corre no interior deste espaço (Figura 4).

Na margem esquerda do Erges, em território espanhol, há registos de 15 dólmenes-mamoas e de um menir, na área de Alcántara (Bueno *et al.* 2006:23). Em *sites* relativos ao município de Alcántara (www.alcantara.es e www.pueblos-espana.org) são mencionados um menir, 50 dólmenes-mamoas, gravuras rupestres em Esparragosilho e Campos de Água, datadas do Bronze Final, e o povoado de Villavieja em Castillejo de la Ordem.

Devem-se aos investigadores Primitiva Bueno-Ramírez, Rodrigo de Balbín-Berhmann e Rosa Barroso-Bermejo, e colaboradores, os mais importantes contributos para a caracterização da arte megalítica, dos rituais funerários Neo-calcolíticos e dos paleoambientes da região de Alcántara, a partir, nomeadamente, do estudo dos dólmenes de Juan Ron, Trincones e Maímon (Bueno Ramírez *et al.* 2000a, 2000b).

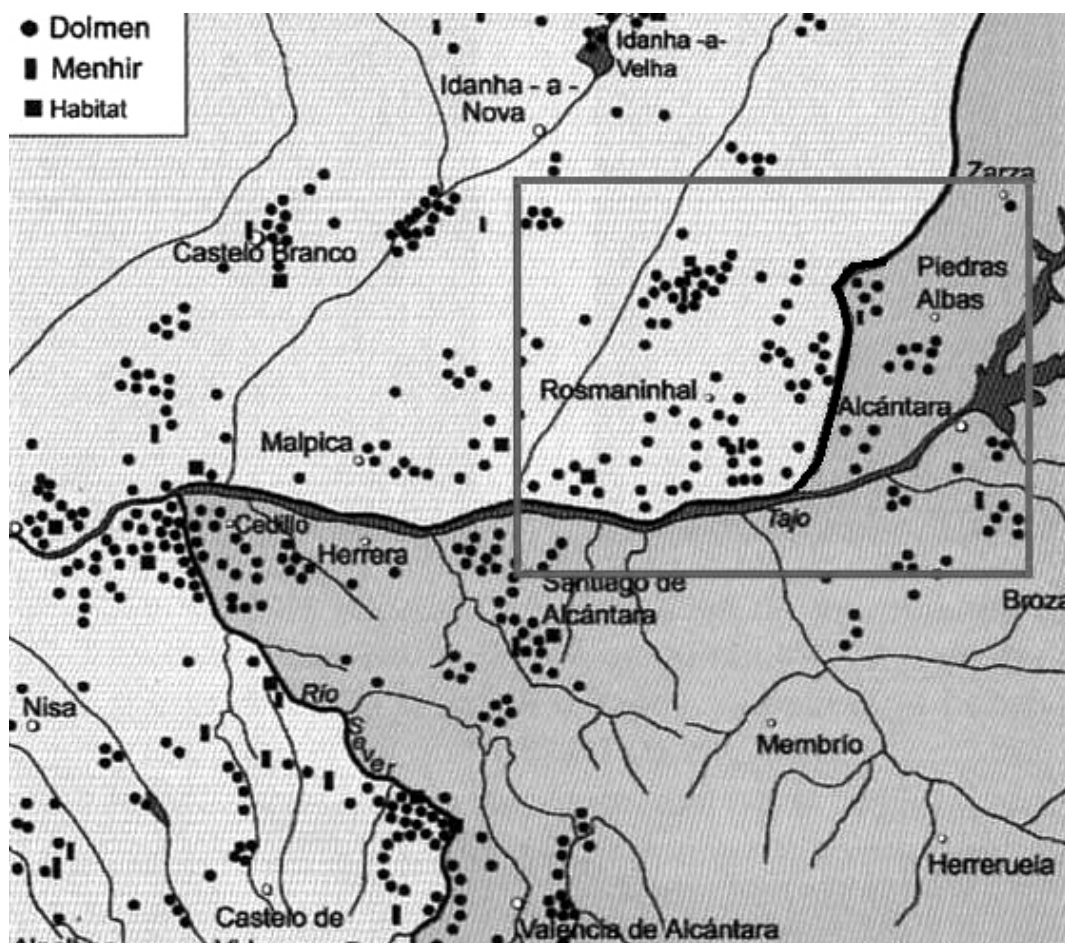


Fig. 4. Arqueologia pré-histórica da região do Tejo Internacional. Adaptado de Bueno *et al.*, 2006

No compartimento envolvente da margem direita do Erges, confinado entre este rio, o Aravil e o Tejo, estão inventariados (Henriques, Caninas & Chambino 1993, 2004; Henriques, Caninas & Cardoso 1998, 1999, 2000-2001; Henriques *et al.* 2007) mais de duas centenas de arqueossítios datáveis da Pré-História recente e Proto-História (Figura 5). A tipologia de sítios mais representativa, por serem em maior número, corresponde a estruturas funerárias (dolméticas ou de outros tipos) sob montículo artificial, ou mamoa (121). Merecem também referência diversos recintos líticos, menires e estelas, sítios de *habitat* (17) e grafismos rupestres (32), incluindo rochas com covinhas.

Da análise da distribuição destes sítios naquele território observam-se três manchas de maior concentração de vestígios. A primeira mancha, com dólmenes-mamoas, rochas com covinhas e povoados tardios, acompanha o vale do Tejo até à área do Cabeço Mouro, sendo provável que tal densidade continue até à foz do rio Erges, já que por constrangimentos vários não tem sido possível prospectar a Herdade do Vale da Morena. A segunda mancha estende-se desde a foz da ribeira do Aravil até ao rio Erges, sobre a extensa plataforma detrítica, ali denominada “serra”, que atravessa diagonalmente o compartimento referido. Neste sector, predominam os sítios de *habitat* disperso, alguns com vários hectares de extensão e dólmenes-mamoas. A terceira mancha assenta

sobre outra plataforma detrítica que se estende do rio Aravil até à ribeira da Enchacana, com concentrações no Couto da Espanhola e no Couto do Amieiro. Aqui predominam também as estruturas funerárias (dólmenes-mamoas) e ocorrem sítios de *habitat*, embora em menor número e extensão que na mancha anterior, e rochas com covinhas.

As construções funerárias implantam-se maioritariamente sobre as plataformas detríticas pliocénicas embora também ocorram directamente sobre as rochas do Grupo das Beiras, e percorram largo espectro de altitudes, desde os pontos mais elevados até posições deprimidas, sobranceiras à rede hidrográfica que drena este território. A tipologia dos monumentos funerários é variada (cistas, câmara simples, fechadas ou abertas, dólmenes com câmara e corredor bem diferenciados) sendo também diversificados, tanto em variedade como em quantidade, os conjuntos artefactuais que contém. A conjugação destes dois parâmetros, arquitectura e espólios, permitiu formular uma proposta evolutiva do fenómeno funerário entre o V e o III milénio a.C. (Cardoso, Caninas & Henriques 2003; Cardoso 2008). Estes monumentos foram construídos com rochas locais, com destaque para filitos e metagrauwaques, empregues sobretudo na estrutura funerária, e quartzo leitoso, elemento de presença invariável nas estruturas monticulares, sob a forma de couraças ou de *cairns*.

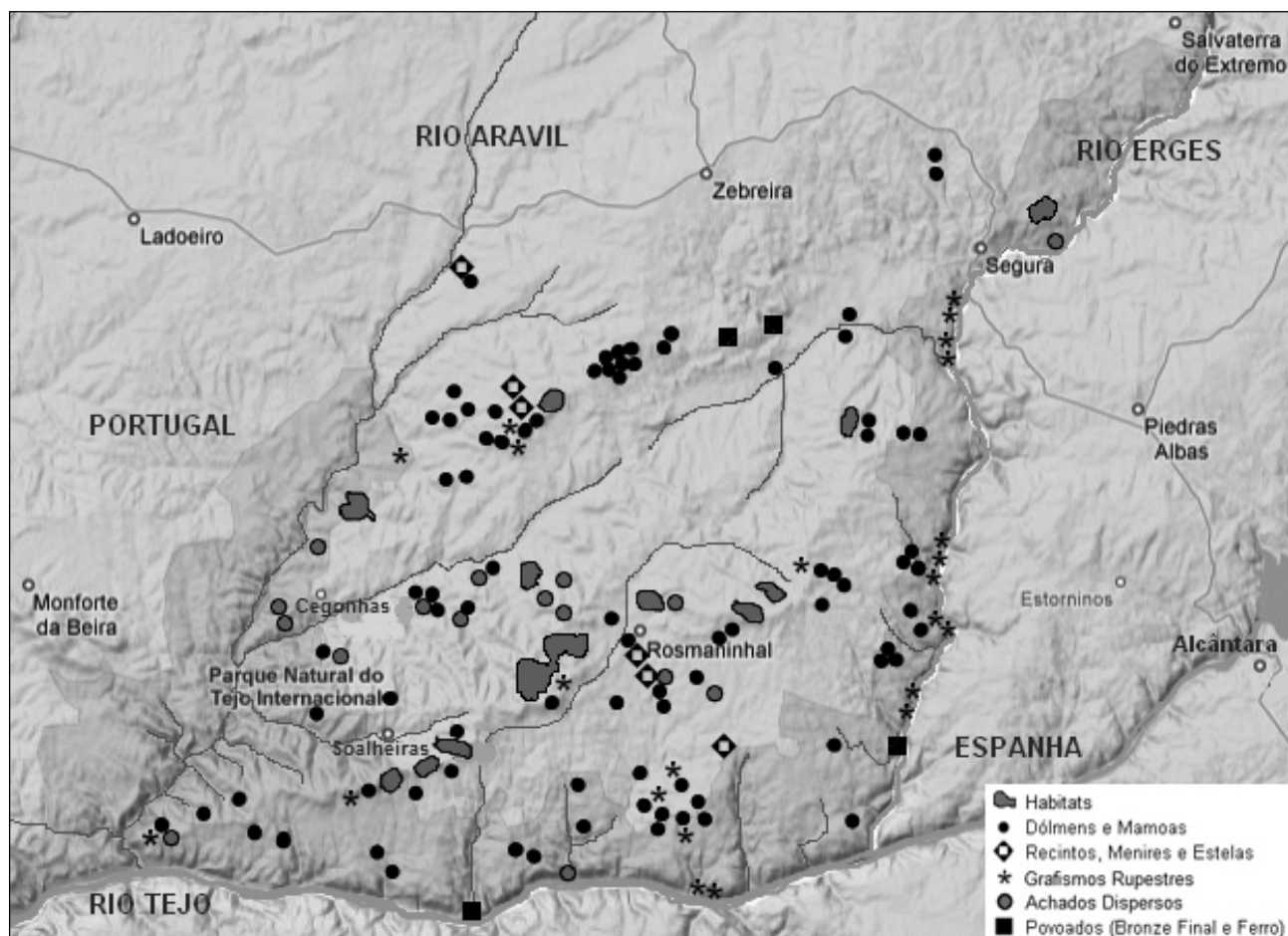


Fig. 5. Sítios arqueológicos identificados pela AEAT entre os rios Tejo, Aravil e Erges, no concelho de Idanha-a-Nova (freguesias de Rosmaninhal, Segura e Zebreira)

Os vestígios de *habitat*, atribuíveis ao Neolítico-Calcolítico, ocupam o topo aplanado das plataformas detríticas, com elevada dispersão no terreno e ocupando, por vezes, áreas muito extensas, um padrão idêntico ao observado a jusante, na envoltura do rio Tejo, nos concelhos de Vila Velha de Ródão (Caninas, Henriques & Gouveia 2004), Nisa, Castelo Branco e Mação. Estes vestígios ocorrem em espaços ocupados maioritariamente com olival, no presente, e são consubstanciados por manchas de dispersão, à superfície, de indústria lítica em pedra lascada (microlítica e macrolítica), em quartzito e sílex (menos frequente), em pedra polida (machados, enxós, martelos), pedra afeiçoada (dormentes e moventes de mós manuais) e alguma cerâmica. A ausência de intervenções arqueológicas e de estudos específicos impede uma melhor caracterização destas ocupações de tipo residencial, no território em apreço, embora se disponha de resultados indicativos desta realidade, a jusante, no concelho de Vila Velha de Ródão, decorrentes das escavações efectuadas nos povoados da Charneca de Fratel (Soares 1988) e do Cabeço da Velha (Cardoso *et al.* 1998).

Contudo, nas regiões envolventes do Erges, em Castelo Branco e Cáceres, embora fora do território de Rosmaninhal, estão documentados inúmeros locais de *habitat*, mais confinado no espaço, com cronologias do

Neolítico, do Calcolítico, da Idade do Bronze e da Idade do Ferro (Vilaça 2008; Soares 1988; Martín Bravo 2009). Em alguns desses sítios foram documentadas reocupações em diferentes momentos, com ou sem continuidade, como são os casos dos povoados de Charneca de Fratel (Neolítico Final/Calcolítico Inicial), do Monte do Frade (Neolítico Médio/Bronze Final), do Ramalhão (Neolítico Final/Calcolítico Inicial), da Cachouça (Neolítico Final/Bronze Final/Ferro Inicial) e do Monte do Trigo (Calcolítico Pleno/Bronze Final).

Os grafismos rupestres mais frequente no planalto correspondem a rochas gravadas com covinhas – tema já abordado pelos signatários (Henriques, Caninas & Chambino 1995) –, com um padrão de distribuição que parece acompanhar os das estruturas funerárias e que é evidente na anta da Granja de São Pedro, dada a sua presença em menir inserido na respectiva mamoa (Almeida & Ferreira 1971). Além destes motivos, existem alguns monólitos, de configuração menírica, com gravações picotadas ou incisas (Cabeço Mouro/Santa Marina). Mais interessante, pela sua maior analogia com os grafismos do Erges, é o caso das representações humanas esquemáticas da Lapa da Moura, presentes num abrigo, situado perto de Monsanto, no concelho de Idanha-a-Nova (Almeida & Ferreira 1966). Com relevância do ponto de vista gráfico-simbólico, embora

constituindo realidade distinta das anteriores, refiram-se a estela antropomórfica atribuível ao final do Calcolítico ou à Idade do Bronze do Monte dos Zebros (Cardoso, Henriques & Chambino, no prelo) e a estela zoomórfica do Poço do Chibo (Cardoso, Caninas & Henriques 2003), que em nosso entender contém figura idoliforme, lembrando pela semelhança formal as figurações de idêntica tipologia presentes na rocha do Monte da Laje (Valença), no Noroeste Peninsular, a que foi igualmente atribuída cronologia entre o Calcolítico e a Idade do Bronze (Baptista 1986).

Admite-se que este quadro de referência da ocupação pré-histórica do território de Rosmaninhal estará associado, pelo menos em algumas das suas etapas, à produção de grafismos rupestres nas margens do rio Erges.

GRAFISMOS RUPESTRES NO BAIXO ERGES

Para além dos casos que nos interessam mais directamente, do ponto de vista cronológico, e que serão apresentados de seguida, com maior detalhe, importa referir que foram identificados outros grafismos, de idade moderna, associados quase sempre às construções existentes nas margens do rio, nomeadamente moinhos de rodízio.

Por razões de segurança, e de modo a minimizar a ocorrência de actos de vandalismo, não se indicam as coordenadas geográficas dos sítios com grafismos rupestres. Contudo, a existência destes sítios já foi comunicada ao Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR), sob a forma de relatórios, aprovados por aquela entidade pública com tutela sobre o património arqueológico.

Como referido anteriormente, as margens do rio Erges foram prospectadas por diferentes equipas. Os resultados da pesquisa dos grafismos da margem esquerda (Espanha) foram publicados por Luís Nobre (Nobre 2008). Quanto à margem esquerda, as prospecções empreendidas pela AEAT ficaram confinadas, até ao momento, no trecho inferior daquele rio (Baixo Erges) e os resultados obtidos, desenvolvidos neste texto, tiveram uma primeira notícia em 2008 (Henriques, Caninas & Chambino 2008).

No decurso destes trabalhos foi identificado um povoado muralhado cujos vestígios sugerem ocupação no Bronze Final. Está implantado no interior de um apertado meandro, formado por um afluente do rio Erges, e detém posição sobranceira ao vale daquele rio. A muralha, espessa, com cerca de 4 m de desnível para o exterior, foi construída com volumosos blocos grauváquicos, e posiciona-se no sentido Este-Oeste, fechando o lado de mais fácil acesso ao cabeço sobre o qual se situa o povoado. Observa-se uma entrada evidenciada por rampa de acesso ao interior do recinto, Os extremos (Este e Oeste) da muralha têm pedras fincadas ao alto para mais fácil travamento da estrutura. Entre os artefactos observados, que incluem cerâmica, elementos de

farinação e percutores de quartzo, merece destaque uma valva de molde de fundição de quatro varetas, semelhante a exemplares recolhidos em povoados da Beira Interior, nomeadamente Alegrios e Moreirinha, no concelho de Idanha-a-Nova (Vilaça 1995).

Tivemos oportunidade de mostrar alguns dos sítios gravados da margem direita a uma equipa de especialistas em arte rupestre do Parque Arqueológico do Vale do Côa, formada por António Martinho Baptista e André Tomás Santos, que atestaram a antiguidade do conjunto de gravações incisas situado na Foz do Ribeiro das Taliscas.

Apresentam-se, seguidamente, nove locais com grafismos rupestres, na margem direita do rio Erges, ordenados de jusante para montante. Documentam-se, a título ilustrativo, os decalques efectuados (F. Henriques e J. Caninas) de dois painéis (Figuras 9 e 21), com tintagem de André Pereira.

Foz do Ribeiro das Taliscas

Neste sítio foi identificado um abrigo ciclópico (Figura 6), bem dissimulado na paisagem, embora localizado a escassos metros de distância do leito do rio, num ponto onde a travessia se podia fazer sobre um açude. O abrigo é delimitado por três enormes blocos de metagrauvaque, assentes directamente sobre o afloramento rochoso, formando um vão de 2,5 m de fundo, por 2,1 m de largura e 2,2 m de altura.



Fig. 6. Abrigo da Foz do Ribeiro das Taliscas

Pelo modo como estes blocos estão dispostos e pela facilidade do seu desprendimento a partir do afloramento sobranceiro, não é de excluir a hipótese deste abrigo ter sido construído, mesmo que parcialmente. Para o efeito, poderá ter sido provocada a queda do bloco solto que se encontra no lado inferior do abrigo, apesar da sua enorme dimensão.

A estrutura assenta directamente sobre uma superfície aplanada do substrato rochoso e no seu interior existe algum enchimento, constituído por pedras, terra e areia,

resultante de depósito moderno, carregado pelo rio em período de maior caudal.

O abrigo tem uma entrada virada a Nordeste, recuada em relação ao rio, e uma outra, em posição frontal, voltada para o leito do rio, tendo sido alargada para facilitar a acesso ao interior. Actualmente, a entrada principal, voltada a Este, pode ter resultado do alargamento de uma fenda, que ali haveria, funcionando talvez como janela, numa época em que o único acesso se faria pela retaguarda.

Neste local existiu um moinho, indiciado por pequenas cavidades rectangulares abertas na rocha de base, destinadas ao assentamento do edifício, uma mó em granito, no leito do rio, uma calçada de acesso e grafismos modernos, abertos por picotagem na superfície sub-vertical de um grande bloco rochoso. Estamos certos que durante a exploração do moinho o abrigo foi também ocupado e terá sido, talvez, neste período que foi alargada a actual entrada principal, voltada para o rio.

Neste sítio foram observadas duas técnicas de gravação: picotagem e incisão fina.

Os picotados concentram-se num imenso painel sub-vertical sobre bloco solto (Figura 7), no exterior do abrigo, junto da entrada principal deste, e são constituídos por letras (iniciais de nomes) e números (datas): J. F. 1942 (26 – 3); 1893 (23 S); 1941 FVBP METM; F. H (?), 1888, M.C.D.L. (?); 1705 (8-5 [?]); MDBJ; GDD. As datas correspondem aos séculos XVIII a XX. No canto inferior direito deste painel, junto da entrada do abrigo, observam-se gravações incisas muito erodidas.

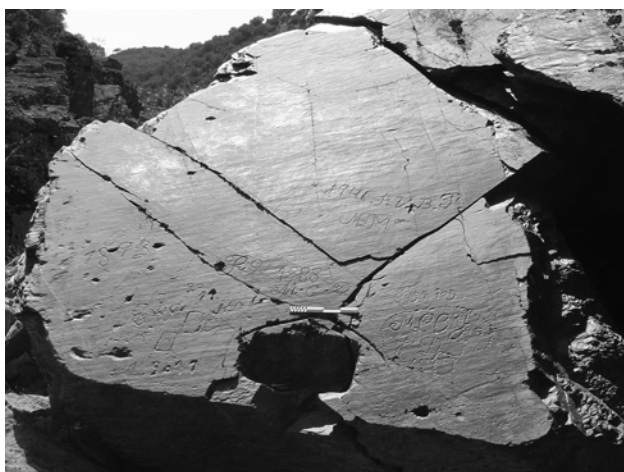


Fig. 7. Grafismos modernos, a picotado, incluindo datas, letras e figures geométricas

No interior do abrigo identificou-se um conjunto de incisões, não figurativos, na face vertical de um bloco de contorno sub-trapezoidal que limita o abrigo pelo lado Nordeste (Figuras 8 e 9). Aquelas gravações concentram-se numa mancha de 40 cm x 80 cm, no lado Oeste do painel, junto da entrada traseira. No lado Este do mesmo

bloco, junto da entrada frontal, também se observaram incisões, em menor número, em virtude, talvez, da destruição da superfície do painel para alargamento desta entrada. A superfície gravada apresenta tonalidades de amarelo, vermelho e cinzento-escuro.



Fig. 8. Painel com gravações incisas no abrigo a Foz do Ribeiro das Taliscas

Os sulcos apresentam variações de espessura e diferentes patines. Há múltiplas sobreposições formando reticulados. Na parte cimeira do painel observa-se o que parece ser a assinatura de um nome, com uma patine mais clara, de idade coeva da utilização do moinho situado nas proximidades. A maioria dos traços é mais antiga, mostrando uma patine mais escurecida e concreções minerais formando pequenos nódulos depositados sobre as fissuras de gravação. Após análise preliminar, António Martinho Baptista é de opinião que estas gravações serão anteriores à Idade do Ferro. Contudo, a complexidade deste conjunto gráfico exige um levantamento minucioso, que permita isolar os diferentes motivos e a sequência das gravações.

Fainina

Em painel vertical, de metagrauvaque, de cor castanha-acinzentada, foi observado, a luz natural, um sulco aberto por picotagem, formando linha ondulada (Figuras 10 e 11), que sugere o dorso de um zoomorfo. Apresenta desgaste por erosão fluvial.

O painel está localizado a cerca de 5 m de distância do leito do rio. A sua metade superior encontra-se revestida com líquenes e a metade inferior está limpa. A gravura assenta sobre o terço superior da face limpa. Este motivo foi observado uma única vez. Em segunda visita ao local não foi possível encontrá-lo, por estar, talvez, coberto pelas areias do rio.

Ribeiro do Salgueirinho 1

Painel executado em superfície grauváquica sub-horizontal, revestida quase completamente com líquenes,

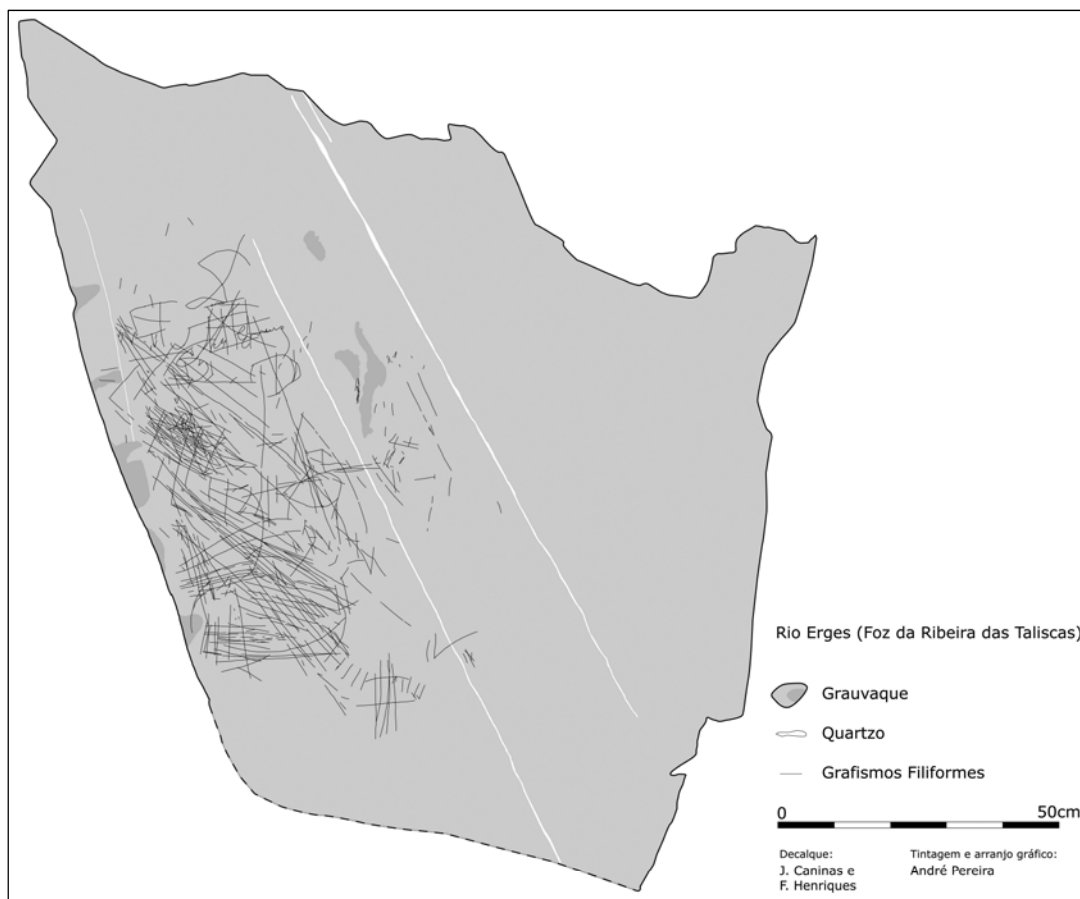


Fig. 9. Decalque das gravações incisas do Abrigo da Foz do Ribeiro das Taliscas



Fig. 10. Painel da Fainina

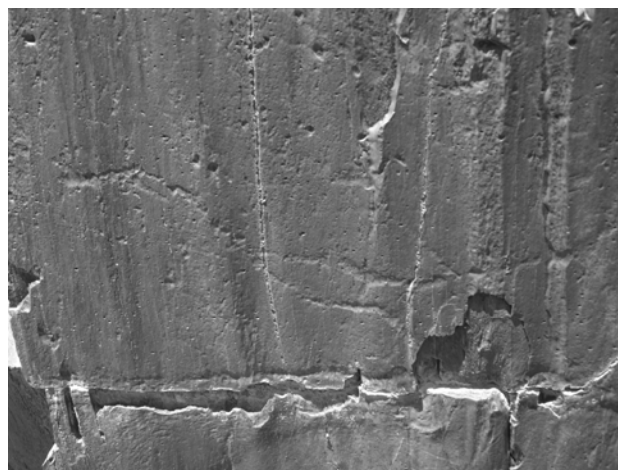


Fig. 11. Gravura da Fainina

cm. A montante observa-se um conjunto de sulcos aproximadamente paralelos ocupando uma área de menores dimensões (8 cm x 4 cm).

Tremal 1

Painel sobre afloramento de metagrauvaque horizontal localizado a cerca de 2,5 m de distância do leito do rio, onde foi gravado um picotado espaçado, definindo

e contendo dois conjuntos de gravações incisas. O conjunto de jusante consiste num feixe de linhas tendencialmente convergentes (Figura 12), ocupando uma mancha com as seguintes medidas ortogonais: 14 cm x 20

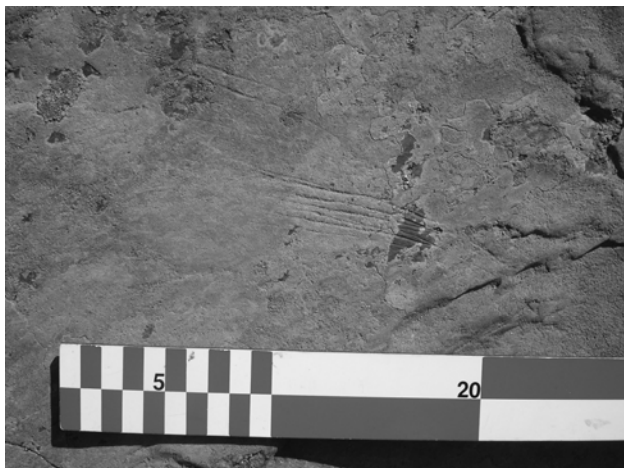


Fig. 12. Gravações incisadas da Foz do Ribeiro do Salguerinho 1



Fig. 14. Localização da rocha com grafismos de Tremal 2



Fig. 13. Oval isolada (Tremal 1)



Fig. 15. Dois antropomorfos (Tremal 2)

mancha de contorno sub-oval (Figura 13), com 20 cm de diâmetro maior e 15 cm de diâmetro menor. Os negativos têm contorno oval, são amplos e descontínuos. Observam-se outros picotados com menor densidade na periferia da mancha central.

Este tipo de gravações (nuvens) ocorre de forma isolada noutros afluentes do Tejo, nomeadamente no rio Ocreza.

Tremal 2

Os grafismos identificados neste local (Figuras 14 a 16) têm como suporte uma massa rochosa que avança para o interior do rio e se destaca da superfície caótica dos afloramentos circundantes. Em redor, em posição mais recuada relativamente ao rio, há painéis com óptimas superfícies aplanadas mas sem gravuras.

O painel gravado está localizado 1,5 m acima do nível médio da água e cerca de 100 m a jusante de uma área de rápidos, de pequena amplitude, e junto de uma passagem a vau. É uma superfície sub-horizontal, irregular, com tonalidades de cinzento, azul e castanho, caracterizada por pequenas ondulações.



Fig. 16. Antropomorfo, arco de círculo e linha (Tremal 2)

As gravuras foram inscritas, por picotagem, em superfícies sub-verticais e consistem em três antropomorfos, um semi-círculo e uma linha. O picotado

é fino a médio, de contorno circular e forma linhas contínuas. A largura dos sulcos varia de 1,5 cm a 2 cm.

Um dos antropomorfos tem membros superiores, tronco e membros inferiores; os dois restantes apenas membros superiores e tronco. O antropomorfo com membros superiores e inferiores está isolado, ocupando o limite de um painel e em frente de outro antropomorfo, também gravado num plano inclinado. Tem 9 cm de altura e 10,5 cm de largura. O segundo antropomorfo tem membros superiores arqueados e mede 8 cm de altura por 10 cm de largura.

Em superfície vizinha, voltada a Sul, existe um terceiro antropomorfo ancoriforme, um semi-círculo, uma linha e um picotado disperso, pouco denso, entre o antropomorfo e a linha. O antropomorfo mede 8 cm de altura por 10 cm de largura. O semi-círculo tem 7 cm de raio e o painel apresenta-se estalado mas tal dano não atinge a figura. A figura linear tem 7 cm de altura por 1,5 cm de largura. Tem disposição paralela ao corpo do antropomorfo mais próximo, como que formando um par. Pode tratar-se de uma representação antropomórfica incompleta.

Foz do Ribeiro da Enchacana 1

A rocha gravada (Figura 17) é um pequeno maciço de metagrauvaque, com desenvolvimento vertical, localizado a montante de uma passagem a vau e da foz do ribeiro da Enchacana. A superfície gravada corresponde a um painel vertical voltado para o rio. À frente deste painel há uma superfície rochosa horizontal formando uma esplanada que desce suavemente para o rio.



Fig. 17. Rocha com antropomorfos da Foz do Ribeiro da Enchacana 1

A superfície gravada, de configuração sub-triangular, tem 1,75 m de largura na base por 2,30 m de altura. É atravessada longitudinalmente por filões de quartzo e apresenta fracturas e estalamentos no topo, perpendiculares e transversais. A superfície de gravação tem várias tonalidades de castanho e observa-se um depósito de cor

negra, que se sobrepõe a algumas gravuras, produzido talvez pela escorrência de água.

As gravações, figurando antropomorfos e sulcos curtos (Figuras 18, 19 e 20), estão localizadas nas margens do painel, nos lados direito e esquerdo, deixando vazio o espaço central (Figura 21). O picotado forma sulcos contínuos, profundos, com negativos de contorno circular e de tamanho médio. Junto do limite esquerdo do painel está um antropomorfo isolado. No lado oposto observam-se cinco antropomorfos, quase alinhados na vertical e três pequenos motivos lineares.

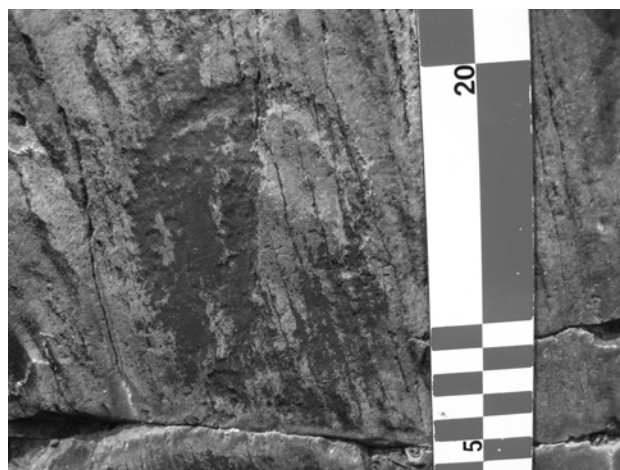


Fig. 18. Um antropomorfo da Foz do Ribeiro da Enchacana 1



Fig. 19. Um antropomorfo da Foz do Ribeiro da Enchacana 1

Os seis antropomorfos têm representação dos membros superiores e inferiores mas são acéfalos. Dois antropomorfos têm representação do falo. Os membros

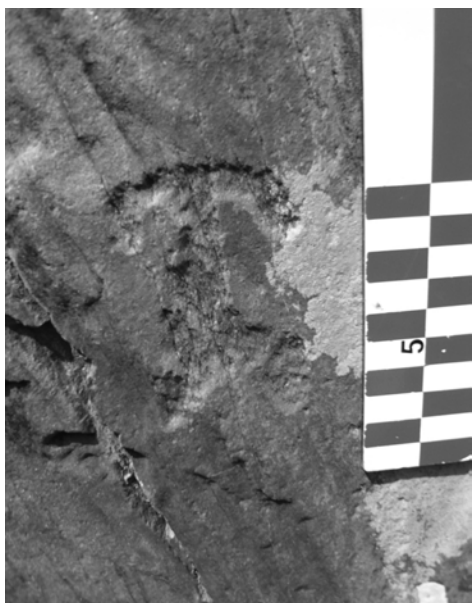


Fig. 20. Um antropomorfo da Foz do Ribeiro da Enchacana 1

inferiores têm forma semicircular, excepto num exemplar do lado esquerdo do painel, e são proporcionalmente menores que os membros superiores. A altura destas figuras é variável, dois deles têm 10 cm de altura, um 13,5 cm, dois 17 cm e um 23 cm. A largura destas figuras é proporcional à altura e varia entre 7,5 cm e 14,5 cm.

Os motivos lineares podem corresponder aos troncos de antropomorfos incipientes, tendo em consideração a sua orientação relativamente às daqueles.

2.7. Foz do Ribeiro da Enchacana 2

Painel vertical, de metagrauvaque, localizado na margem direita do rio Erges, a cerca de 3 m de distância do seu leito e a 1 m acima do nível médio da água. Tem 2 m de largura na base por 1,3 m de altura. A superfície de gravação está voltada para o rio. Tem cor castanha-escura.

A gravação é constituída por duas faixas lineares (Figura 22), ligeiramente curvas, respectivamente com 13 cm e 6

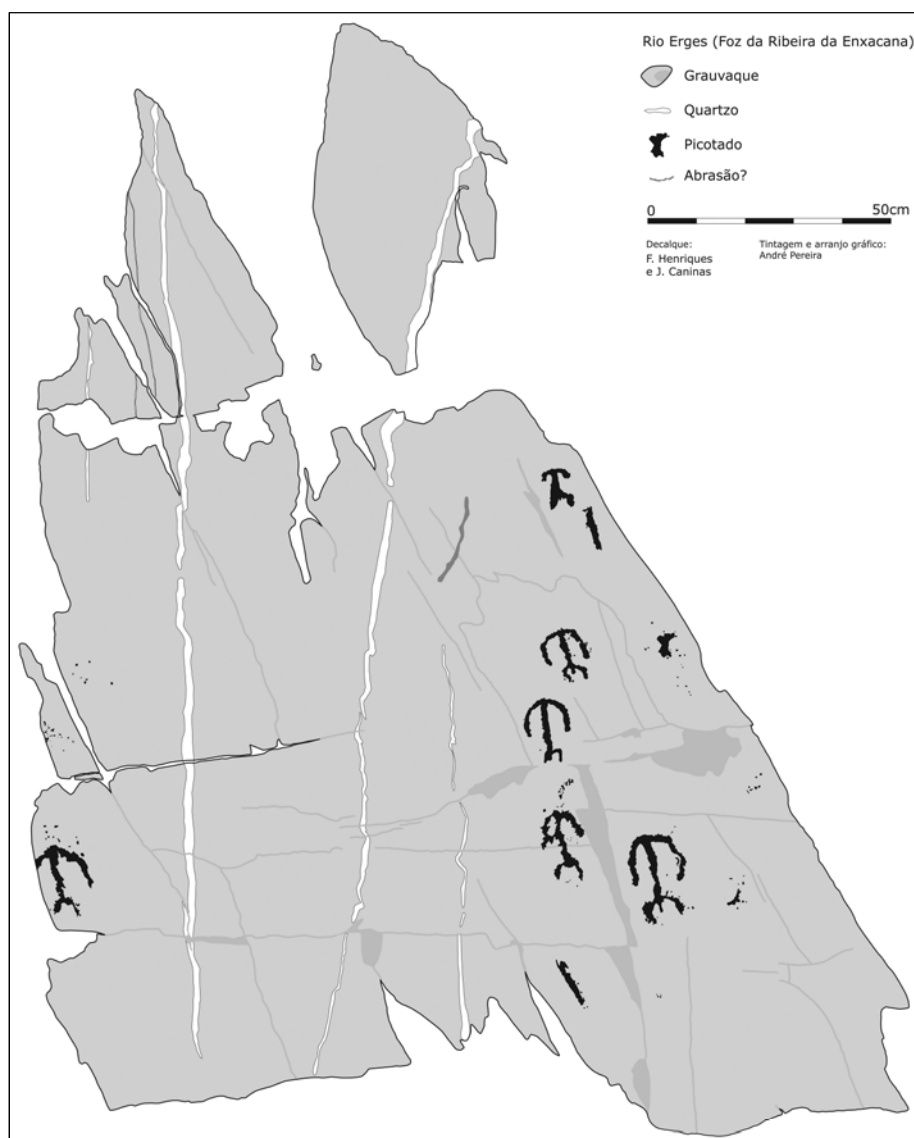


Fig. 21. Decalque da Foz do Ribeiro da Enchacana 1



Fig. 22. Grafismos da Foz do Ribeiro da Enchacana 2

cm de comprimento. O picotado é muito fino, formando linha contínua com 2 cm de espessura. Ao lado do segmento menor a superfície da rocha parece ter sido escarificada com golpes perpendiculares às linhas de xistosidade.

Tapada da Foz

O conjunto gráfico da Tapada da Foz situa-se no interior de um abrigo (Figura 23) localizado na margem do rio Erges, a 7 m de distância da linha de água e cerca de 1 m acima do nível médio do caudal de Verão, próximo de um pequeno rápido. Neste local terá existido um moinho de que não restam vestígios, tanto do edifício que albergaria o engenho como da casa de apoio. O único indício de tal existência é a presença, no leito do rio, da base arqueada de um açude construído em técnica de carril, que estava submerso e quase imperceptível aquando do seu reconhecimento.



Fig. 23. Abrigo com grafismos na Tapada da Foz

O abrigo é formado por três enormes lajes grauváquicas tombadas sobre um afloramento com duas superfícies desniveladas. A laje de maiores dimensões define a parte

anterior do abrigo e está apoiada obliquamente nos dois planos desnivelados do degrau rochoso. As outras duas lajes, de menores dimensões, fecham as aberturas situadas na parte posterior do abrigo. A cavidade tem planta sub-retangular (3,5 m de profundidade e 2 m de largura) e secção sub-triangular. A altura interior é de 1,5 m. A entrada está aberta a 270° N. Além da entrada referida existem duas aberturas ao exterior, uma ao nível do solo, voltada a nascente, e outra a 1 m de altura virada a poente, como que formando uma “janela”. Não se exclui a hipótese do abrigo ter tido uma gênese antrópica.

As gravações situam-se sobre a entrada, no solo rochoso do abrigo e em ambos os lados da “janela” virada a poente.

Na face frontal do bloco de maiores dimensões existe uma única figura, inscrita em plano vertical. É um antropomorfo ancoriforme (Figura 24) com 5,2 cm de altura por 5,2 cm de largura, com cabeça, membros superiores e tronco. Os negativos têm contorno circular, tamanho médio e distribuem-se de modo contínuo.



Fig. 24. Antropomorfo no abrigo da Tapada da Foz

A maioria dos grafismos encontra-se nos lados da “janela” aberta a poente, em planos verticais e sub-verticais. No lado esquerdo, em relação a um observador posicionado no interior do abrigo, o painel parece ter sido previamente polido, numa faixa de 50 cm x 10 cm, ainda que haja figuras que extravasam essa área. A preparação de painéis, através de polimento, antes da gravação, também foi reconhecida na margem esquerda deste rio, no abrigo Catarina (Nobre 2008).

Do lado português, existem, aparentemente, seis antropomorfos ancoriformes (Figura 25), figurando apenas os membros superiores e o tronco. A gravação de alguns destes motivos parece aproveitar saliências arqueadas, presentes na superfície da rocha, para inscrição dos membros superiores. No lado direito da “janela” observam-se mais cinco ou seis antropomorfos (Figura 26) sobre superfície áspera e ligeiramente convexa. Os negativos são de média dimensão, de



Fig. 25. Conjunto de antropomorfos num dos lados de abertura no abrigo da Tapada da Foz

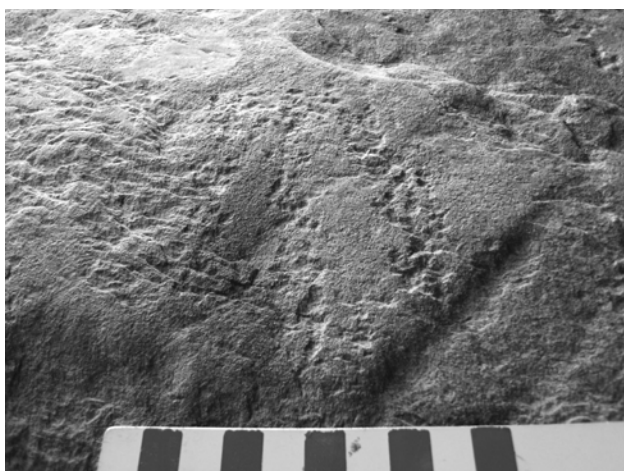


Fig. 26. Um dos antropomorfos no lado oposto da abertura

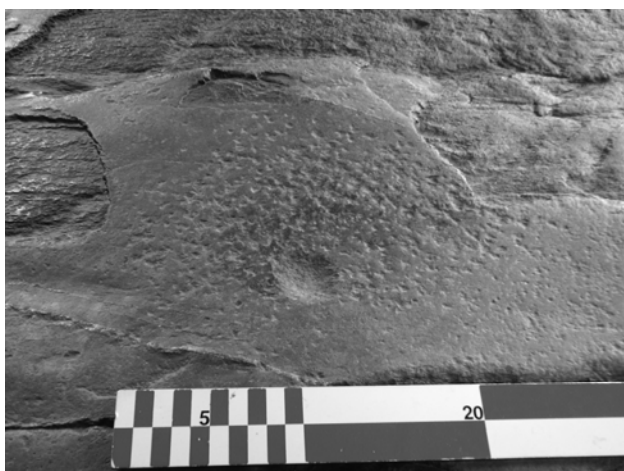


Fig. 27. Mancha picotada e covinha no chão do abrigo da Tapada da Foz

contorno circular e oval e apresentam-se em sequências contínuas e descontínuas.

No solo do interior do abrigo, que forma plano inclinado para a entrada, observam-se grafismos tipologicamente distintos dos anteriores. A superfície do painel encontra-se esfoliada em vários pontos, pelo que podem ter existido outras gravações. Foi identificada uma grande mancha sub-circular (Figura 27) definida por picotado descontínuo, de dimensão média e de contorno circular (14,0 cm x 15,7 cm) no interior da qual foi aberta, por abrasão, um pequena covinha com 2 cm de diâmetro. Ao lado da mancha existe uma segunda covinha (1,5 cm de diâmetro), mais discreta, aberta por picotagem. Noutros pontos do solo do abrigo há picotado disperso.

Junto da abertura posterior do abrigo, voltada a nascente, observa-se um motivo oval (zoomorfo sem pernas e sem cabeça?) com 6,7 cm de diâmetro maior e 3,8 cm de diâmetro menor. Os negativos desta figura são amplos, de contorno oval e estão em sequência descontínua.

Mansa

Painel vertical de grauvaque, voltado para o rio, com 35 cm de largura por 215 cm de altura, com várias tonalidades de castanho-azulado.

Neste sítio observou-se picotado formando mancha (Figuras 28 e 29) de configuração sub-circular, com diâmetros ortogonais de 5,5 cm e 4 cm. Os negativos são amplos, têm contorno circular e baixa densidade.



Fig. 28. Localização da mancha de picotado na Mansa



Fig. 29. Mancha de picotado na Mansa

DISCUSSÃO E CONCLUSÕES GERAIS

O rio Erges é o terceiro afluente do rio Tejo, no distrito de Castelo Branco, onde se documentaram grafismos rupestres pré-históricos, depois das descobertas efectuadas no rio Ocreza, nos anos 70 do século XX, e, mais recentemente, no rio Zêzere (Baptista 2004), não atingindo, porém, em qualquer destes sítios, os quantitativos identificados no complexo de arte rupestre do rio Tejo (Vila Velha de Ródão e Nisa).

Tal *deficit* de grafismos, tanto nos afluentes onde já foram identificados mas sobretudo no Aravil e no Ponsul, onde tais manifestações ainda são desconhecidas, dever-se-á sobretudo à circunstância de aqueles rios não terem sido prospectados de modo sistemático em todo o seu curso, e à presença de inúmeras albufeiras que inviabilizam tal reconhecimento.

Contudo, no rio Erges, e à excepção de um troço final com cerca de 2 km de extensão, situado a montante da confluência com o Tejo (onde poderá existir um maior número de gravuras), foi possível fazer um reconhecimento muito representativo do potencial gráfico presente neste rio.

Perante os dados já disponíveis, coligidos em ambas as margens, entendemos que se trata de um conjunto marginal face à Arte do Tejo, cuja centralidade estará situada no trecho fluvial que marca a fronteira entre os actuais concelhos de Vila Velha de Ródão e Nisa.

De facto, no Erges, as ocorrências gráficas surgem em painéis isolados ou em pequenos conjuntos de dois ou três painéis, em qualquer dos casos com escasso número de figuras. A sua ocorrência ao longo do rio é espaçada, não existindo nenhuma concentração de rochas gravadas, equiparável às do rio Tejo. Por outro lado, os motivos representados são, em geral, pouco diversificados, e estão polarizados (Figura 30) em antropomorfos esquemáticos, na margem direita, e formas circulares (círculos, semicírculos, círculos concêntricos, círculos com ponto central, círculos compartimentados), na margem esquerda, que correspondem a 54% da iconografia representada. Esta dicotomia temática, ou diferenciação, entre margens é um aspecto, evidente, cujo significado nos escapa.

Contudo, são de realçar alguns interessantes particularismos do património gráfico do Erges. Desde logo, as representações da margem direita (Portugal), ocupam maioritariamente painéis sub-verticais, enquanto as da margem esquerda (Espanha) ocorrem em painéis sub-horizontais (excepto no abrigo), tal como na arte do Tejo, onde predominam, como é sabido, os suportes sub-horizontais. Teremos, portanto, um segundo factor de diferenciação entre margens.

Outro aspecto reporta-se às sobreposições, cujo maior grau de incidência pode indicar uma maior relevância dos sítios, em termos de recorrência ritual. De facto, reforçando novamente o carácter marginal deste conjunto,

são escassas as sobreposições documentadas no rio Erges, estando ausentes na margem esquerda (Nobre 2008). Na margem direita foram observadas múltiplas sobreposições de gravações incisas em painel situado no interior do abrigo da Foz do Ribeiro das Taliscas e no abrigo da Tapada da Foz uma covinha sobrepõe uma mancha de picotado.

Para além dos painéis ao ar livre, a presença de grafismos pré-históricos em abrigos (dois na margem direita e um na margem esquerda) é uma especificidade do rio Erges dado que a utilização deste tipo de locais não se encontra documentada nos rios Tejo e Ocreza. Admitindo a génese antrópica das estruturas da margem direita (aquelas que tivemos oportunidade de observar directamente), seria tentador, embora não comprovável do ponto de vista estrutural, atribuir-lhes carácter para-dolménico (de acordo com o conceito expresso em Pascual 2006) aproximando-os da realidade megalítica onde os grafismos esquemáticos também marcam presença, no sector cacereense (Bueno *et al.* 2006, entre outros trabalhos).

Foi observado existir convergência locativa entre rochas gravadas (ao ar livre ou em abrigo) e áreas de mais fácil travessia do rio, ou onde ocorrem rápidos e moinhos/açudes, característica também observada por Luis Nobre (Nobre 2008). Além disso, os dois abrigos observados na margem direita (Foz do Ribeiro das Taliscas e Tapada da Foz) devem ter sido reutilizados em época moderna por moleiros. Olhando para a posição topográfica dos vários conjuntos documentados temos de admitir que teria sido difícil que a sua gravação tivesse ocorrido fora da época de estio, ou pelo menos durante os períodos de caudal máximo do rio.

Aos grafismos identificados no rio Erges podemos atribuir dois significados gerais, tendo apenas como referencial a rede fluvial principal. Em primeiro lugar, marcam uma nova fronteira, montante, do complexo de arte rupestre do Tejo. Em segundo lugar, e de acordo com um pressuposto de continuidade territorial, a sua posição, em relação ao referido complexo, reforça a hipótese, já iniciada em Herrera de Alcántara, de também existirem conjuntos gráficos, expressivos, no Tejo Internacional. Esta hipótese pode ser sustentada, contextualmente (Caninas & Henriques 1987), pela densidade de monumentos megalíticos na zona envolvente daquele sector do rio Tejo, tanto em Portugal como em Espanha, sítios que têm vindo a ser relevados pelas investigações dirigidas por Primitiva Bueno, Jorge de Oliveira (Oliveira 1998) e por três dos signatários (Henriques, Caninas & Chambino 1993) nas referidas regiões.

Reportámos as afirmações anteriores à rede fluvial principal, mas estamos cientes que os grafismos presentes nas margens dos rios referidos não devem ser desligadas das realidades gráficas, gravadas e pintadas, situadas em topografias mais elevadas, seja em dólmenes e em rochas ao ar livre, no planalto (Bueno *et al.* 2006), seja em abrigos serranos, como são os casos de El Buraco, em Santiago de Alcántara (Bueno *et al.* 2006) e de

- ALMEIDA, F. de & FERREIRA, O. da V. 1971: "Um Monumento Pré-Histórico na Granja de São Pedro (Idanha-a-Velha)". *2º Congresso Nacional de Arqueologia*, 1. Coimbra: 163-168.
- BAPTISTA, A.M. 1981: "A Rocha F-155 e a Origem da Arte do Vale do Tejo." *Monografias Arqueológicas*, 1. Grupo de Estudos Arqueológicos do Porto. Porto.
- BAPTISTA, A.M. 1986: "Arte Rupestre Pós-glaciária. Esquematismo e Abstracção." *História da Arte em Portugal*, I. Publicações Alfa. Lisboa: 31-55.
- BAPTISTA, A.M. 2004: "Arte Paleolítica de Ar livre no Rio Zêzere (Barroca, Fundão)." *Ebvrobriça*, 1. Revista do Museu Arqueológico Municipal José Monteiro do Fundão. Fundão: 8-15.
- BAPTISTA, A.M., GOMES, M.V., LEMOS, F. de S., MARQUES, T., MARTINS, M., MONTEIRO, J.P., RAPOSO, L.F., SERRÃO, V.M., SILVA, A.C., QUEROL, M.A., SERRÃO & SERRÃO, E. da C. 1974: "O Complexo de Arte Rupestre do Tejo. Processos de Levantamento". *III Congresso Nacional de Arqueologia*, I. Porto: 293-323.
- BAPTISTA, A.M., MARTINS, M.M. & SERRÃO, E. da C. 1978: "Felskunst im Tejo-Tal, São Simão (Nisa, Portalegre, Portugal)". *Madrider Mitteilungen*, 19. Madrid: 89-101.
- BUENO RAMÍREZ, P., BALBÍN BEHRMANN, R. 2000: "Arte megalítica en la Extremadura Española. *El Megalitismo en Extremadura. Extremadura Arqueológica*, 8. Mérida: 345-379.
- BUENO RAMÍREZ, P., BALBÍN BEHRMANN, R., BARROSO BERMEJO, R., ALDECOA QUINTANA, A., CASADO MATEOS, A.B. 2000a: "Dólmenes en Alcántara (Cáceres). Un proyecto de consolidación e información arqueológica en las comarcas extremeñas del Tajo. Balance de las campañas de 1997 y 1998". *Extremadura Arqueológica*, 8. Mérida: 129-168.
- BUENO RAMÍREZ, P., BALBÍN BEHRMANN, R., BARROSO BERMEJO, R., ALDECOA QUINTANA, A., CASADO MATEOS, A.B. 2000b: "Arte megalítico en el Tajo: los dolmenes de Alcántara. Cáceres. España." *3º Congresso de Arqueologia Peninsular. ADECAP*, 4 (Pré-História Recente da Península Ibérica). Porto: 481-496.
- BUENO, P., BARROSO, R., BALBÍN, R. & CARRERA, F. 2006: *Megalitos y Marcadores Gráficos en el Tajo Internacional: Santiago de Alcántara (Cáceres)*. Ayuntamiento de Santiago de Alcántara.
- CANINAS, J.C.P. & HENRIQUES, F.J.R. 1987: "Testemunhos do Neolítico e Calcolítico no Concelho de Nisa." *I Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano* (Castelo de Vide, 1985). Coimbra: 69-82.
- CANINAS, J.C., HENRIQUES, F. & GOUVEIA, J. 2004: *Arqueologia da Região de Fratel. Um Olhar entre a Pré-História e os Tempos Modernos*. In *Itinerários por Terras da Açafa*, Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.
- CARDOSO, J.L. 2008: "The megalithic tombs of southern Beira Interior, Portugal: recent contributions". In P. Bueno-Ramírez, R. Barroso-Bermejo & R. de Balbín-Behrmann: *Graphical markers and megalith builders in the International Tagus, Iberian Peninsula*. BAR International Series, 1765. Oxford: 103-115.
- CARDOSO, J.L., CANINAS, J.C. & HENRIQUES, F. 1997: "Contributos para o conhecimento do megalitismo na Beira Interior (Portugal): a região do Tejo Internacional." *II Congresso de Arqueologia Peninsular* (Zamora, 23-28 Setembro 1996), 2 (Neolítico, Calcolítico y Bronce). Fundación Rei Afonso Henriques. Zamora: 207-215.
- CARDOSO, J.L., CANINAS, J.C. & HENRIQUES, F. 2000: "Arquitectura, espólio e rituais de dois monumentos megalíticos da Beira Interior: estudo comparado." *I Colóquio Internacional sobre megalitismo* (Monsaraz, 1996). In *Trabalhos de Arqueologia*, 14. Instituto Português de Arqueologia. Lisboa: 195-214.
- CARDOSO, J.L., CANINAS, J.C. & HENRIQUES, F. 2003: "Investigações recentes do megalitismo funerário na região do Tejo Internacional (Idanha-a-Nova)". *O Arqueólogo Português*. Série IV, 21. Lisboa: 151-207.
- CARDOSO, J.L., GOMES, M.V., CANINAS, J.C. & HENRIQUES, F. 1995: "O Menir de Cegonhas (Idanha-a-Nova)". *Estudos Pré-Históricos*, 3. Viseu: 5-17.
- CARDOSO, J.L., SILVA, C.T. da, CANINAS, J.C. & HENRIQUES, F. 1998: "A Ocupação Neolítica do Cabeço da Velha (Vila Velha de Ródão)". *Trabalhos de Arqueologia da EAM*, 3-4. Associação para o Estudo Arqueológico da Bacia do Mondego. Edições Colibri. Lisboa: 61-81.
- CARDOSO, J.L., HENRIQUES, F. & CHAMBINO, M. No prelo: "A estela antropomórfica do Monte dos Zebros (Zebreira, Idanha-a-Nova)". *IV Jornadas Raianas*. Outubro de 2009. Sabugal.
- GOMES, M.V. 1980: "Arte do Tejo." *Enciclopédia Verbo*, 20. Lisboa: 1300-1304.
- GOMES, M.V. 1985: "Abrigo Pinho Monteiro (Arronches)." *Informação Arqueológica*, 5. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 90-91.
- GOMES, M.V. 1987: "Arte Rupestre no Vale do Tejo". *Arqueologia no Vale do Tejo*. Instituto Português do Património Cultural. Lisboa: 26-43.
- GOMES, M.V. 1989: "Arte Rupestre do Vale do Tejo – um Santuário Pré-Histórico." *Encuentros sobre el Tajo: el Agua y los Asentamientos Humanos, Cuadernos de San Benito*, 2. Madrid: 49-75.
- GOMES, M.V. 2000: "A Rocha 175 de Fratel – Iconografia e interpretação." *Estudos Pré-Históricos*, 8. Viseu: 81-112.
- GOMES, M.V. 2002: "Arte rupestre em Portugal – perspectiva sobre o último século". *Arqueologia 2000: Balanço de um Século de Investigação*

- Arqueológica em Portugal*. In *Arqueologia e História*, 54, Associação dos Arqueólogos Portugueses. Lisboa: 139-194.
- Grupo de Estudos e Pesquisas Arqueológicas. 1979: Relatório de Prospecções Arqueológicas. Rosmaninhal. Inédito.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J. & CHAMBINO, M. 1995: “Rochas com Covinhas na Região do Alto Tejo Português.” *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 35(4). Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia. Porto: 191-202.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J.C. & CARDOSO, J.L. 1998: *Trabalhos de Cartografia Arqueológica no Concelho de Idanha-a-Nova*. Associação de Estudos do Alto Tejo.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J.C. & CARDOSO, J.L. 1999: “Arqueologia no Alto Tejo. Balanço de 30 anos de investigação.” *História*, 18. Nova série. Lisboa: 68-74.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J.C. & CARDOSO, J.L. 1999: *Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Proença-a-Nova, Castelo Branco e Idanha-a-Nova*. Associação de Estudos do Alto Tejo.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J.C. & CARDOSO, J.L. 2000-2001: *Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica nos Concelhos de Idanha-a-Nova, Castelo Branco, Vila Velha de Ródão e Nisa*. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J.C. & CHAMBINO, M. & CAMISÃO, V. 2007: *Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica na Área do Rio Erges (Idanha-a-Nova)*. Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J.C. & CHAMBINO, M. 1993: *Carta Arqueológica do Tejo Internacional*, 3 (Idanha-a-Nova). Associação de Estudos do Alto Tejo. Vila Velha de Ródão: 299.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J.C. & CHAMBINO, M. 2008: “Cartografia Arqueológica nos Rios Erges, Aravil e Tejo (Idanha-a-Nova e Castelo Branco). Primeira Notícia”. *Açafa on line*, 1. Associação de Estudos do Alto Tejo. www.altotejo.org.
- HENRIQUES, F., CANINAS, J.C. & CHAMBINO, M. L. 2004: *Relatório dos Trabalhos de Cartografia Arqueológica no Concelho de Idanha-a-Nova*. Associação de Estudos do Alto Tejo.
- MARTÍN BRAVO, A.M. 2009: “Los Castro de La Cuenca Extremeña del Tajo, bisagra entre Lusitanos y Vettones”. In P.J. Sanabria Marcos (Ed): *Lusitanos y vettones. Los pueblos prerromanos en la actual demarcación Beira Baixa – Alto Alentejo – Cáceres* (Memorias, 9). Museo de Cáceres: 147-160.
- MORENO, H.B. coord. 2003: *Demarcações de Fronteira de Vila Velha de Ródão a Castelo Rodrigo*, 2. Universidade Portucalense – Infante D. Henrique. Porto: 122.
- NOBRE, L.F. 2008: “Arte Rupestre Pré-Histórica da Margem Esquerda do Rio Erges.” Centro Europeu de Investigação da Pré-História do Alto Ribatejo. *Arkeos – Perspectivas em Diálogo*, 24.
- OLIVEIRA, J. de, BORGES, S. 1998: “Arte Rupestre no Parque Natural da Serra de São Mamede”. *Ibn Maruan. Revista Cultural do Concelho de Marvão*, 8. Câmara Municipal de Marvão. Edições Colibri. Lisboa: 193-202.
- OLIVEIRA, J.M.F. de. 1998: *Monumentos megalíticos da bacia hidrográfica do rio Sever*. Edições Colibri. Lisboa: 744.
- OOSTERBEEK, L. 2003: *Vale Ocreza – Campanha de 2001*. *Techne*, 8. Tomar: 41-70.
- ORTEGA, J.E. 1988: *La Necrópolis del Castro del Castillejo de la Orden, Alcántara (Cáceres)*. Consejería de Educación y Cultura. Universidade de Extremadura. Cáceres.
- PASCUAL, M.P. 2006: “Ensayo de ordenación terminológica de las estructuras paradolménicas del nordeste peninsular”. In *Simbolismo, Arte e Espaços Sagrados na Pré-História da Península Ibérica*. IV Congresso de Arqueologia Peninsular. *Promontoria Monográfica*, 5. Universidade do Algarve: 157-168.
- PERPETUO, J.M.A. et al. 1999: *Tabuaço. Um Passado Presente*. Câmara Municipal de Tabuaço. Arqueohoje. Tabuaço: 287.
- RODRIGUES, J.C., NETO de CARVALHO, C. & GERALDES, J. 2008: “Património Geológico de Salvaterra Extremo”. *Açafa on line*, 1. Associação de Estudos do Alto Tejo. www.altotejo.org.
- SERRÃO, E. da C. 1974: “L’ Art Rupestre de la Vallèe du Tage.” *Les Dossiers de L’Archéologie*, 4. Merveilleux Trésors du Portugal. Dijon e Paris: 46-51.
- SERRÃO, E. da C., LEMOS, F.S., MONTEIRO, J.P., QUEROL, M. de los A., JORGE, S. de O. & JORGE, V. de O. 1972^a: “O Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo (Vila Velha de Ródão – Nisa). Primeiras Hipóteses e Programa de Trabalhos.” *Arqueólogo Português*, 6. 3^a Série. Lisboa: 63-77.
- SERRÃO, E. da C., LEMOS, F.S., MONTEIRO, J.P., QUEROL, M. de los A., LOPES, S.R. & JORGE, V. de O. 1972^b: “O Complexo de Arte Rupestre do Tejo (Vila Velha de Ródão – Nisa) – Notícia Preliminar.” *Arqueologia e História*, 4. 9^a série. Lisboa: 9-38.
- SERRÃO, E. da C., LEMOS, F.S., MONTEIRO, J.P., QUEROL, M. de los A. 1973: “Notícias de Novas Descobertas no Complexo de Arte Rupestre do Vale do Tejo.” *II Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, I. Lisboa: 159-179.
- SERRÃO, V. & SERRÃO, E. da C. s/d: *Ensaio de Enquadramento Arqueológico do Complexo de Arte do Tejo*. Relatório enviado à Fundação Calouste Gulbenkian. Inédito.
- SILVA, A.C. 1996: “A Geração do Tejo”. In Luis Raposo e António Carlos Silva: *A Linguagem das*

Coisas. Ensaios e Crónicas de Arqueologia.
Publicações Europa-América. Mem Martins: 293-296.

VILAÇA, R. 2008: *Através das Beiras.* Palimage.
Coimbra.

SOARES, J. 1988: “O povoado da Charneca de Fratel e o Neolítico Final – Calcolítico da Região Ródão – Nisa. Notícia Preliminar”. *Alto Tejo*, 2. Núcleo Regional de Investigação Arqueológica. Vila Velha de Ródão.

www.alcantara.es

www.pueblos-espana.org